



ASPECTOS DA CRÍTICA LITERÁRIA NO SÉCULO XIX

AMARAL, Daniela Vieira

Universidade Federal do Rio Grande

Em junho de 1852, *O Pelotense*, primeiro jornal da cidade de Pelotas (1851-1855), publicou uma crítica literária da *Revista Universal Lisbonense* a respeito do livro de poesias *Dores e flores*, de Emílio Augusto Zaluar (1826 – 1882). Embora no jornal não haja nenhuma informação concernente à autoria da crítica, averigua-se que na própria revista o autor identifica-se com a letra “C.”¹

É inegável a importância da relação entre jornais, folhetins e história da literatura. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa afirma a necessidade de análise dos pontos de contato e influências entre a imprensa brasileira e a literatura do século XIX e, ao discorrer sobre essa temática, cita uma indagação de Antônio Candido sobre a dívida da literatura para com os jornais: “Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção” (BARBOSA, 2007, p. 23 – 24).

O objetivo deste trabalho é demonstrar a possibilidade de, através do estudo da crítica literária sobre *Dores e flores*, realizar-se uma análise acerca de diversos itens relacionados à teoria e à crítica literária. Para esse intento, o estudo apresenta fundamentações em materiais de diversos autores, tais como Northrop Frye, Roman Witold Ingarden, Anatol Rosenfeld, Umberto Eco, Leyla Perrone-Moisés, assim como *Dicionário de Símbolos e História da Literatura Portuguesa*, entre outros.

Roman Ingarden estuda a estrutura da obra literária por meio de uma “análise da sua estratificação ôntica, no intuito de apresentar uma ontologia geral de toda obra escrita ou composta de palavras e orações” (INGARDEN, 1960, *apud* ROSENFELD, 1976, p. 17). Segundo o crítico, a estrutura de uma obra literária deve ser analisada segundo uma teoria de estratificações. O estudo deve ser intrínseco, voltado para a obra em si mesma; utilizando-se, para isso, de quatro estratos (ou camadas), quais sejam: estrato fônico, estrato das unidades de significação, estrato das objetividades apresentadas e estrato dos aspectos esquematizados, além da camada dos sinais tipográficos impressos no papel (letras).

A crítica examina e explora o estrato das unidades de significação (léxico, sintaxe, figuras de linguagem, campos semânticos etc.) ao buscar o significado simbólico dos dois substantivos femininos do título: *dores e flores*. De acordo com o

¹ *Revista Universal Lisbonense*. Segunda série. Tomo IV. Undécimo anno: 1851 – 1852, p. 298. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=xrEDAAAYAAJ&>. Acesso em 12 jul. 2009.

Dicionário de Símbolos, de Juan-Eduardo Cirlot (1984, p. 256), verifica-se que “a flor, por sua natureza, é símbolo da fugacidade das coisas, da primavera e da beleza”; idéias que contrastam com a de dor (sofrimento, nostalgia, desesperança). A alegria é passageira, cedendo lugar ao desgosto; demonstrando, conforme denuncia a crítica, a existência desses dois sentimentos contraditórios no âmago de qualquer ser humano.

Ainda nessa camada, é possível anotar a menção a várias teorias e seres mitológicos, tais como a referente ao Orpheu (poeta e músico, filho de Apolo e Calíope) e à “*theoria pindarica dos illustres filhos de Apollo*”². Essa característica de fazer apontamentos à mitologia é predominante no Arcadismo, período que se estende de 1756 a 1825 e cujo nome “foi inspirado em Arcádia; região da Grécia onde, segundo a mitologia, pastores e poetas viveriam uma existência de amor e poesia. Por isso é também comum no Arcadismo a referência a seres da mitologia clássica, tais como ninfas, deuses etc.” (TUFANO, 1995, p. 55). Observa-se que esse fato pode indicar que o autor da crítica, embora não identificado, seja influenciado pela escola arcadista.

Nessa linha, destaca-se também o chamado estrato fônico, constituído pelos fonemas, sonoridades verbais, orações, rimas, ritmo, ecos etc. Nota-se que a crítica tece vários comentários sobre, especialmente, as rimas das poesias de Zaluar.

Já quando a crítica questiona o significado de determinadas palavras, está penetrando no estrato das objetividades apresentadas, constituído pelo que é imagetivamente construído na obra, ou seja, o universo imaginário do poema (seres, espaço, tempo, ambientação etc.). Por exemplo, ao indagar o que é uma múmia de humano cinzel em “Jerusalem” e ao dizer que desconhece a real conceituação de vaga amante em “Ao deixar Portugal”.

Outro aspecto relevante é a visão da crítica sobre o Romantismo: “Por estas frases [...] vê-se que o Sr. Zaluar é um poeta alistado na escola sentimentalista”. Esse movimento literário apresenta um conjunto de características que permeiam suas obras, e uma delas é justamente o exagero sentimental e melodramático em associação com um ponto de vista pessimista, ao invés da racionalização e da objetividade. “O egotismo e o sentimentalismo sem peias são as notas dominantes; o tédio, a melancolia, o sonho, a Idade Média, o soturno e o funéreo são os temas preferidos” (MOISÉS, 1994, p. 57).

A crítica largamente tece comentários desfavoráveis aos tons de lamentação e de desilusão dos poemas de Zaluar: “Note-se, porém, que em quanto o poeta se limitar a tanger essa corda única, por mais suave e melodiosa que ella seja, embora se chame Chateaubriand ou Lamartine, cahirá irremediavelmente n’uma enfadonha monotonia, n’uma repetição escusada das mesmas lamentações”.

Dessa forma, a “corda única”, ou seja, o sentimentalismo é indício de monotonia e tédio para o crítico, ainda que seja proveniente de escritores reconhecidos, como Chateaubriand ou Lamartine. Esse pensamento está em sintonia com o que defende Salette de Almeida Cara (1989, p. 30, grifo da autora): “Por esse caminho a poesia romântica pode correr o risco de transformar-se num mero balbucio emotivo, sufocado na esfera pessoal, e o texto seria apenas expressão dessa emotividade (*a função emotiva da linguagem*)”.

² Esclarece-se que todas as citações realizadas ao longo do texto e que não estão referenciadas pertencem à crítica literária publicada no jornal *O Pelotense*, 1852.

Em *História da literatura brasileira*, José Veríssimo (1969, p. 11) desconsidera Zaluar como um autor de literatura brasileira, afirmando que:

Os portugueses que para cá vieram fazer literatura após a Independência, Castilhos, **Zaluares**, Novais e outros, nem pela nacionalidade ou sentimento, nem pela língua ou estilo, não pertencem à nossa literatura, onde legitimamente não se lhes abre lugar. São por todas as suas feições portuguesas. (VERÍSSIMO, 1969, grifo meu).

Veríssimo estabelece como critério para definir a nacionalidade da literatura de um autor a sua origem natal. Dessa forma, pelo fato de Zaluar ter nascido em Portugal, onde foi criado e alfabetizado, notam-se em suas poesias lusitanismos na língua e no estilo; retirando-o, assim, do rol dos autores de literatura brasileira. Em *Dores e flores*, há a reunião de poesias produzidas tanto em Lisboa quanto em solo brasileiro; destacando-se que “Ao deixar Portugal” foi escrita a bordo do brigue *Experiencia*, em 28 de novembro de 1849³.

É interessante perceber que Zaluar, mesmo tendo transitado por diversas áreas do conhecimento, na literatura e nos jornais, suas poesias não lograram repercussões nas histórias literárias. Também não são vastas as referências ao seu nome e às suas obras em dicionários de literatura; há breves anotações, por exemplo, na *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino César e na *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho e José Galante Sousa. Pode-se dizer, então, que Zaluar não pertence ao cânone brasileiro; porém, o que não se pode afirmar é que esse fato decorra das suas poucas alusões nos livros de literatura.

Apesar dessas constatações, não se pode descartar a hipótese de que as obras de Zaluar, à época e, até mesmo, posteriormente, tenham influenciado trabalhos de outros escritores e poetas, já que suas poesias circulavam em jornais e eram objeto de crítica literária, sendo um exemplo a que é estudada neste trabalho.

Não obstante essa deturpação, a crítica literária é fundamental na relação autor-obra-público; fazendo, muitas vezes, a ligação entre os extremos da tríade. É uma das formas de legitimação da literatura, assim como as academias, as instituições de ensino e as premiações. Além disso, apresenta papel indispensável na própria seleção do cânone. De acordo com Ivan Teixeira (1998, p. 38), “a função do crítico é facilitar a comunicação entre a obra e o público, entre o passado e o presente: faz parte de seu ofício saber selecionar no passado as obras mais apropriadas para a interpretação do presente.”

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BORDINI, Maria da Glória. *Fenomenologia e teoria literária*. São Paulo: Edusp, 1990.

³ ZALUAR, Emílio Augusto. *Dores e flores*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851, p. 36.

C. Crítica Litteraria: *Dores e flores*. *Revista Universal Lisbonense*. Lisboa, 29 jan. 1852, p. 294 – 298. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=xrEDAAAAYAAJ&>. Acesso em 12 jul. 2009.
CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 3ª edição, 1989.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul 1737 – 1902*. Porto Alegre: Globo, 1956, p. 294.

COSSON, Rildo (org.). *Literatura, Jornal e Cultura: Autores Pelotenses – 1851-1889*. Porto Alegre: PUCRS, no prelo. CD-ROM.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Fundação de Assistência ao Estudante, 2001, p. 1099 e p. 1378.

CRÍTICA Litteraria: *Dores e flores*. *O Pelotense*, Pelotas, 09 jun. 1852; 12 jun. 1852; 16 jun 1852; 25 jun 1852, p. 2 – 3.

MOISÉS, Leyla Perrone-. *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

MOISÉS, Massaud (coord.). *A literatura portuguesa em perspectiva*. v.3. São Paulo: Atlas, 1994.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme. Portugal – *Dicionário histórico e corográfico*. Lisboa: João Romano Torres, 1904 – 1915. 7 v. Disponível em WWW.arqnet.pt/dicionario/zaluar.html. Acesso em 19 jul 2009.

ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto, 1975.

SOARES, Angélica M. Santos. A crítica. In: Samuel, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1984.

TEIXEIRA, Ivan. Anatomia do crítico. *Cult*. São Paulo, n. 11, jun. 1998, p. 36-41.

TUFANO, Douglas. *Estudos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Moderna, 1995.

REVISTA universal lisbonense. Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/RUL.htm>. Acesso em 23 maio de 2009.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.

ZALUAR, Emílio Augusto. *Dores e flores*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=Y64CAAAAYAAJ&>. Acesso em 12 jul. 2009.